

“CAPITAL SOCIAL NA FAVELA DA MANGUEIRA”*

MARIA ALICE NUNES COSTA**

A comunidade da Mangueira ficou mundialmente conhecida através de sua Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Hoje, é consenso que a favela da Mangueira possui uma forte marca devido à presença da Escola de Samba que passou a ser considerada o celeiro e patrimônio da cultura popular e berço de alguns poetas mais geniais da música popular brasileira. Uma cultura que faz questão de se manter viva através da preservação de seus nomes ilustres, considerados os baluartes da Escola de Samba. Desde o início, a Mangueira conviveu com músicos atraídos pelo seu samba, como Heitor Villa-Lobos, Noel Rosa, Francisco Alves, Tom Jobim, e até hoje continua atraindo grandes nomes da música popular brasileira.

A identidade com o carnaval, o samba e a música popular brasileira tem contribuído para a proximidade e o diálogo com diversos setores da sociedade, ou seja, artistas, intelectuais e foliões das camadas médias da sociedade, incluindo turistas de outros estados e países.

Além de produzir desfiles de carnaval, a comunidade da Mangueira passou a contar, desde 1987, com inúmeros projetos sociais implantados pela Escola de Samba da Mangueira, ou seja, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (GRESEP). Constituindo-se no chamado Programa Social da Mangueira, que visam à atenção à educação, cultura, esporte, lazer e mercado de trabalho.

Já nos idos dos anos 70, aulas de esporte eram dadas na rua embaixo do viaduto, e a única condição imposta ao futuro atleta era o dever de frequentar uma escola. Nessa fase, foi essencial o trabalho de dois moradores da favela: a Tia Alice e Agrinaldo Santana, que se valiam do improviso para suprir a falta de recursos materiais no treinamento de meninos e meninas. Tia Alice, além de mangueirense foi campeã sul-americana de 1956 nos 200 metros rasos e medalha de ouro em arremesso de peso no sul-americano de masters de 1986, sendo a principal mobilizadora do esporte na comunidade.

Em 1986, lideranças da Escola de Samba da Mangueira preocupadas com o jogo de futebol estar sendo realizado embaixo do viaduto próximo à Escola de Samba resolveram solicitar o terreno baldio próximo à quadra, que estava cheio de entulho e de lixo, e que pertencia a Rede Ferroviária Federal. A cantora Alcione compartilhando da idéia, conseguiu junto ao Presidente da República José Sarney (ambos conterrâneos do Maranhão) a cessão do terreno por 99 anos, para a execução de projetos sociais que seriam coordenados pela Escola de Samba da Mangueira, ou seja, pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (GRESEP).

* Este artigo faz parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Samba e Solidariedade: capital social e parcerias coordenando as políticas sociais da Mangueira, RJ”, 2002, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense.

** Socióloga, mestre em Ciência Política e doutoranda em Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ.

Funcionários da empresa Xerox do Brasil que, além de desfilarem pela Escola também contribuíam voluntária e individualmente em ações sociais da comunidade, doando cestas de alimentos e uniformes de futebol para as crianças que participavam dos torneios de futebol, conseguiram junto ao Presidente da Xerox do Brasil o apoio financeiro ao projeto esportivo que estava sendo desenhado e que, seria denominado Projeto Vila Olímpica.

A esse movimento de captação de parcerias, agregou-se o governo estadual para a construção de toda a infra-estrutura do pólo esportivo com 35 mil metros quadrados. Mais tarde, foi responsável pela construção do CIEP Nação Mangueirense (Centro Integrado de Educação Pública), inaugurado em 1994.

No Projeto Vila Olímpica, a empresa Xerox do Brasil se responsabilizou pela aquisição de materiais esportivos, alimentação e o pagamento dos técnicos e professores. E outra parceria agregou-se ao Projeto: a seguradora de saúde Golden Cross, que participaria da administração do posto médico para atender aos atletas. Em 1999, a Golden Cross abortou o Projeto por uma crise financeira da empresa, e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro assumiu o posto de saúde ampliando o atendimento a toda a população da Mangueira e comunidades vizinhas.

Em 1988, três projetos estavam implantados: o Projeto da Vila Olímpica; o Projeto Saúde e o Projeto Cultural, idealizado pela cantora Alcione, denominado de “Mangueira do Amanhã”, com o objetivo de reunir crianças da comunidade em torno do samba e do carnaval.

No lugar do patrocínio de contraventores do “jogo do bicho” ou do tráfico de drogas, a Escola faz questão de sempre afirmar que, os sócios da Escola são empresas de grande porte como a Xerox, BR Distribuidora, Maisena, Fundação Roberto Marinho, Bolsa de Mercadorias & futuros, entre outras. A postura da Escola em não depender nem dos banqueiros do “jogo do bicho” nem dos traficantes tem contribuído na credibilidade da Escola em agregar recursos das empresas privadas, que de início financiaram o desfile, e depois, os projetos sociais.

O dinamismo da Escola de Samba da Mangueira em agregar parceiros associado à tradição e credibilidade, se mostrou decisivo para a evolução dos vínculos cooperativos, no qual gerou nesses catorze anos de trabalho social a implementação de 30 projetos, contando com 47 parcerias, entre empresas privadas, órgãos públicos; universidades; organização não-governamental; associações e entidades de classe.

O Programa Social da Mangueira envolve ações voltadas para a educação, capacitação profissional, inserção no mercado de trabalho, cultura, esporte e meio ambiente, através da concepção de resgate da cidadania e do fortalecimento da identidade cultural da Mangueira. O Programa Social da Mangueira atende gratuitamente a todas as faixas etárias oferecendo atividades educacionais (desde a creche até a Universidade), artísticas, esportivas e culturais, além de fornecer assistência jurídica, à saúde e serviço social a todas as faixas etárias.

Como os projetos sociais surgem a partir da Escola de Samba da Mangueira, situada na favela e, tendo o samba como principal fenômeno agregador destes projetos, julgamos importante adotar o conceito de capital social de Putnam (1996), na medida em que o autor define capital social como produto da vida social e política vibrante de uma comunidade cívica. A trajetória da favela da Mangueira está associada a uma cultura cívica comunitária bastante agregadora e solidária.

Conforme Putnam, mesmo associações com pouca relação direta com a atividade econômica, como instituições esportivas e culturais, comporiam o capital social, pois reforçariam as relações de cooperação entre os membros da sociedade. A existência desses laços sociais sinaliza a possibilidade de se organizar ações coletivas que visem à promoção do desenvolvimento social de dada localidade. Logo, a existência da Escola de Samba da Mangueira, que possui um forte apelo cultural na comunidade, pode funcionar como um importante catalisador de redes sociais capazes de promover padrões de sociabilidade e bens coletivos para a comunidade.

A Escola de Samba da Mangueira é um forte referencial para a favela, pois ao aglutinar a população local através do samba e dos projetos sociais, acabou por adquirir status e poder de Estado. Tomadas às devidas proporções, a Escola de Samba parece substituir o Estado no imaginário social da comunidade. O que nos lembra a idéia de que no Brasil, pelo fato do Estado ter se ausentado de muitas funções levou a um estado de natureza em sentido hobbesiano em que cada qual administra seus problemas por conta própria (Santos, 1993).

O papel da Escola de Samba da Mangueira como eminente agregador da comunidade, poderia ter se manifestado num espaço de mandonismo. Percebemos ao contrário que um lugar de uma política autoritária e/ou clientelista, a Escola de Samba – através de suas lideranças – constrói laços sociais fortes na medida em que traz a visão de organização em torno da solidariedade e de laços de confiança com a comunidade. Como afirma Putnam, “tal comunidade [cívica] se mantém unida por relações horizontais de reciprocidade e cooperação, e não por relações verticais de autoridade e dependência” (1996:102).

Não há dúvida de que a força da Escola de Samba da Mangueira não está centralizada em seu poder ou influência social. A comunidade da Mangueira reconhece seu valor cultural, que tem uma repercussão muito mais ampla do que o espaço interno da favela da Mangueira. O seu histórico no carnaval e na música popular brasileira lhe dão destaque nacional e internacional, o que dá auto-estima suficiente à comunidade para que ela reaja às posturas não-virtuosas.

Assim, o sentimento de pertencimento da comunidade da Mangueira e seu estoque de capital social, aliado ao compromisso da Escola de Samba da Mangueira com a comunidade, são de fundamental importância para afastar formas associativas negativas — que mesmo fazendo cordialmente parte do mesmo espaço social — não chegam a ter a projeção e influência como em demais comuni-

dades. Neste caso, citamos o jogo do bicho e o tráfico de drogas, que mesmo com seu forte poder econômico e bélico não chegam a interferir nas decisões em relação ao Programa Social da Mangueira. Podemos dizer que a influência na comunidade é implícita, na medida em que ronda a ameaça e o medo. Porém, observamos que o respeito à Escola de Samba por esses grupos, lhe garante autonomia e independência na geração de políticas sociais para a comunidade. Se assim não fosse, provavelmente, o Programa Social da Mangueira não seria bem sucedido e apoiado por inúmeras parcerias de empresas, como a Xerox do Brasil, a Bolsa de Mercadorias e Futuros e a BR-Petrobrás.

Enfim, entendemos que o capital social não é o quesito único e máximo para o desenvolvimento de uma sociedade. O bem-estar econômico e social é resultado da combinação de indicadores de condições naturais e ambientais; das condições de acesso à saúde e conhecimento; acesso a recursos monetários; e às condições de acesso ao trabalho.

Por outro lado, ao compreendermos que a participação coletiva é elemento fundamental do capital social de uma sociedade, é de vital importância a existência de regimes políticos democráticos. Só um Estado democrático pode ser capaz de dotar o Estado de uma cultura democrática, que promova ações criativas que induzam à otimização das relações horizontais de participação, cooperação, confiança e solidariedade. Assim, o capital social será potencializado com as demais formas de capital (natural, humano e financeiro), impactando positivamente no desenvolvimento e contribuindo para a autonomia da sociedade na garantia do seu bem-estar social, através da sinergia entre governo, comunidade e mercado.

Referências Bibliográficas

- EVANS, Peter (1996). "Government Action, Social Capital and Development: reviewing the evidence on synergy" in *World Development*, v. 2, n. 6.
- PUTNAM, Robert (1996). "Comunidade e Democracia. A Experiência da Itália Moderna, RJ: Ed. FGV.
- SANTOS, Wanderley Guilherme (1993). "Mitologias Institucionais Brasileiras: do Leviatã parálítico ao estado de natureza". In: *Revista de Estudos Avançados*, v. 7, 17, jan-abr.